



## **PERCURSOS DA MEMÓRIA - AS MÚLTIPLAS NARRATIVAS DA COLEÇÃO CORRESPONDÊNCIAS DE MÁRIO DE ANDRADE**

**Roberta Sampaio GUIMARÃES<sup>1</sup>**

**Resumo:** Neste artigo é proposta uma reflexão sobre três aspectos da formação da Coleção Correspondências de Mário de Andrade: um referente ao próprio escritor e suas experiências e memórias registradas nas cartas; outro ao processo de institucionalização da coleção através de seu tombamento IPHAN e de sua publicação pelo projeto do IEB / USP; e o terceiro à interpretação dessa coleção no segundo volume publicado pelo projeto - Mário de Andrade & Tarsila do Amaral -, que oferece ao leitor textos introdutórios e notas contextuais.

**Palavras-chave:** Narrativas; memória; identidade; correspondências; Mário de Andrade.

### **Introdução**

São muitas as formas narrativas com que as memórias de (ou sobre) um indivíduo podem ser construídas e cada uma delas molda de distintas maneiras a nossa percepção sobre suas experiências. Neste artigo, proponho uma reflexão sobre alguns mecanismos lingüísticos e ideológicos que foram movimentados em determinados momentos e contextos sociais do longo percurso de consolidação da memória do escritor Mário de Andrade e que operaram a transformação de suas experiências pessoais em narrativas biográficas e nacionais.

Serão aqui analisadas as estratégias narrativas de auto-representação utilizadas por Mário de Andrade durante a produção da coleção de cartas; as re-apropriações dessas narrativas por instituições produtoras de memória nacional, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, através da transformação de sua coleção de correspondências em patrimônio, e o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – IEB/USP, responsável pelo projeto de organização e publicação das cartas; e a atualização de suas experiências no segundo volume deste projeto de publicação, em que o

---

<sup>1</sup> é graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Antropologia e Sociologia pela UFRJ e doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia também pela UFRJ. Em sua tese de doutorado pesquisa os projetos de revitalização e preservação propostos para os bairros da Zona Portuária, no centro do Rio de Janeiro. Nos últimos anos, vem desenvolvendo estudos na área de patrimônio cultural, coleções e objetos. E-mail: [guimaraes\\_45@yahoo.com.br](mailto:guimaraes_45@yahoo.com.br)



escritor se corresponde com Tarsila do Amaral, através de comentários explicativos ao leitor que organizam as cartas em uma narrativa histórica.

### **Epistolografia e auto-representação em Mário de Andrade**

Mário de Andrade escreveu textos que foram classificados por ele próprio e por outros como pertencentes a diversos gêneros, como “conto”, “crônica”, “poesia”, “ensaio”, “diário”, “romance”, “jornalístico” entre outros. Os estudiosos interessados nas memórias do escritor podem ver informações biográficas em muitos desses textos, mas o gênero “correspondência” foi o mais celebrado como o que possuía um compromisso com a não-ficcionalidade da narrativa, com sua “autenticidade”, termo usualmente relacionado à idéia de verdade<sup>2</sup>.

Mas para que fosse possível essa associação entre a Coleção de Correspondências de Mário de Andrade e as noções de autenticidade e memória, foram unidos três aspectos de uma estratégia de auto-representação do escritor: a opção pelas construções espaços-temporais próprias do gênero “correspondências”; a seleção das narrativas contidas em seus fragmentos de memória; e o colecionamento e a catalogação de suas cartas com a intenção de possuir uma identidade e controlar a construção póstuma de sua memória. Unindo esses três aspectos, descobre-se que Mário é o seu primeiro, e mais poderoso, ideólogo.

Avaliando o primeiro aspecto, percebe-se que a eficácia simbólica da enunciação do gênero “correspondência” como representação da verdade íntima de um indivíduo reside no fato deste gênero possuir um modelo de construção de memória referenciado na noção de “trajetória de vida”. Segundo Pierre Bourdieu (1996), as narrativas biográficas baseadas nessa noção se oporiam conceitualmente a que ele denominou de “história de vida”.

Distinguindo uma noção da outra, Bourdieu defende que a “história de vida” porta em si uma forma de perceber a história de um indivíduo como um conjunto de acontecimentos significativos e que possuem finalidade na execução de um projeto pessoal. O pressuposto dessa concepção é que a vida constitui um todo coerente e orientado, sendo excluído da narrativa todo acontecimento considerado não-significativo para a realização do que se considera a finalidade da existência do indivíduo. A história de vida seria assim o que

<sup>2</sup> Seja se referindo a objetos de arte, a bens culturais ou a experiências pessoais, muitos estudiosos utilizam esta noção como algo inquestionável e imanente ao próprio objeto de estudo. Sobre a problematização do uso da noção de autenticidade para a classificação de obras de arte, ver Benjamim [1975]. Sobre a utilização da noção na construção narrativa de bens culturais que compõem os chamados patrimônios nacionais, ver Gonçalves [1988] e Handler [1985].



mais se aproximaria de um modelo oficial da apresentação de si, observável em espaços onde se espera que o indivíduo ofereça uma narrativa estável sobre suas experiências.

Já as narrativas referenciadas na noção de “trajetória de vida” contrastariam com esse modelo oficial de apresentação de si. Citando como exemplo dessa narrativa a lógica da “confidência” presente nas correspondências pessoais, Bourdieu aponta que ela é utilizada em espaços íntimos, familiares e protegidos, onde se torna possível a troca de experiências fragmentadas e despreocupadas com qualquer encadeamento histórico. Para ele, nesse espaço narrativo seria exposta a pluralidade do indivíduo em seus diferentes momentos e lugares e “os acontecimentos biográficos” se definiriam “antes como alocações e como deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado” (BOURDIEU, 1996, p. 82).

Retornando à análise das cartas escritas por Mário de Andrade, o que se percebe é que as noções de “espaço social”, “campo” e “capital” utilizadas por Bourdieu possibilitam a percepção de diferentes e efêmeros enquadramentos sociais do escritor ao longo de sua vida e também da existência de outros agentes que com ele compuseram, com as mesmas possibilidades de ação, diferentes campos intelectuais e artísticos. E certamente a análise de suas interações pode ser muito útil para a avaliação da “superfície social” onde se encontrava o escritor.

No entanto, a principal contribuição dessa análise de Bourdieu para casos como o de Mário de Andrade, escritor que possuía grande domínio e consciência sobre a construção de seus textos, é a oferta de um modelo narrativo de lógica da confidência que não trabalha com o pressuposto de que em seus espaços há mais “sinceridade” ou “autenticidade”, que ali o indivíduo não estaria representando papéis sociais, mas sendo constante apenas a si mesmo.

Se tal associação entre autenticidade e intimidade fosse analiticamente construída, o conceito de “trajetória de vida” estaria deslocando a narrativa histórica de vida para a narrativa histórica da personalidade individual, ou seja, estaria apenas propondo outro local onde residiria um contínuo de propósitos. Em Bourdieu, ao contrário, as idéias de intimidade e de oficialidade são colocadas apenas como uma forma de ressaltar as construções de tempo e de espaço inerentes a cada narrativa. É o senso comum que desloca a *representação* da intimidade contida nas correspondências para a percepção da *apresentação* da intimidade, e é nesse deslocamento (ou nesta excessiva adesão entre significante e significado) que a idéia de “autenticidade” se associa às cartas e elas se transformam num símbolo de memória.

Tudo indica que Mário de Andrade tinha plena consciência dessas construções simbólicas ao redigir suas cartas. A coleção de correspondências do escritor foi organizada



pelo próprio durante os mais de 20 anos de troca de experiências com seus interlocutores<sup>3</sup>. Já demonstrando uma preocupação e também um desejo de que as cartas fossem postumamente publicadas, o escritor se ocupou em anotar em cada uma delas o que considerou serem lacunas de informação: esclarecimento de situações, identificação de correspondentes, complementação de datas e locais... Os fragmentos de memória materializados nas correspondências de Mário de Andrade é assim o assunto do segundo aspecto da estratégia de auto-representação do escritor.

Como aponta Michael Pollak (1992), os elementos constitutivos da memória, sejam elas individuais ou coletivas, são: os acontecimentos, os personagens e os lugares, os três podendo ser alcançados tanto na experiência direta como indireta, no que ele chama de experiências “vivas por tabela”, ou seja, herdadas por meio de socialização. Podemos observar nas correspondências de Mário de Andrade estes três elementos constitutivos da memória sendo constantemente elaborados e esclarecidos ao futuro leitor, aquele localizado além do correspondente direto e que teria acesso a suas memórias quando estas fossem institucionalizadas.

Os acontecimentos que ele vivenciou abordaram diversos temas, como as publicações de artigos seus e de outros intelectuais, as brigas dele com Oswald de Andrade e a dissolução do Grupo dos Cinco. Fizeram também parte de suas lembranças os acontecimentos que outros vivenciaram, como as viagens de Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Milliet para a Europa e as publicações de Carlos Drummond de Andrade e de Manuel Bandeira. Através dos acontecimentos narrados, as cartas ofereceram uma visão complexa dos diversos personagens que participaram daquele grupo de intelectuais, artistas e admiradores das artes e distintos enquadramentos espaços-temporais.

Todos esses elementos, ao mesmo tempo em que permitem alcançar um pouco da trajetória do escritor, possuem também um papel de construção dessa memória. Observando-se especificamente a correspondência ativa de Mário de Andrade, pode-se notar que há uma intenção de disputar o que será lido anos depois sobre os acontecimentos que estão sendo relatados nesta teia de relações artísticas e intelectuais, intenção encontrada em sua persistência em esmiuçar opiniões e registrar sempre sua versão dos fatos. Há, em Mário de Andrade, pouco silêncio.

Quando escreve para Tarsila do Amaral, e por tabela para Oswald de Andrade, que lê sempre as correspondências, ele narra em detalhes alguns acontecimentos do meio artístico de São Paulo e expressa opiniões sobre quadros, livros e eventos, tornando aquele espaço um

---

<sup>3</sup> Entre os correspondentes, encontravam-se Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Hollanda, Heitor Villalobos, Carlos Drummond de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Sérgio Milliet, Pedro Nava etc.



espaço paralelo de suas atividades como crítico. Em seus depoimentos mais intimistas, também expõe com clareza suas mágoas com os caminhos que o grupo inicial de modernista vai percorrendo ao longo do tempo e assim responde a todas as acusações feitas a sua personalidade e a suas opções conceituais, principalmente por Oswald de Andrade, seu principal afeto–desafeto. Ou seja, há um investimento concreto por parte de Mário de Andrade para controlar e oferecer coerência e unidade à memória que será re-construída depois de sua morte. E é no âmbito do colecionamento das cartas que esse controle será definitivamente exercido. Faz-se então aqui pertinente a análise do terceiro aspecto das estratégias de auto-representação de Mário de Andrade: a sua prática de colecionamento.

Muitos pesquisadores já observaram nas mais diversas culturas e sociedades algum tipo de colecionamento, demonstrando que a prática é universalmente difundida (Gonçalves, 2003). A decisão de Mário de Andrade de preservar a sua própria intimidade e a de seus correspondentes com a exigência de abertura das cartas apenas 50 anos após sua morte contribuiu para seu projeto de construção de uma identidade singular. Quando as cartas foram abertas, o que apareceu foi a coleção. Aquilo que um dia foi fragmento de experiências e a primeira mediação de uma ausência (mediação espaço-temporal dos que se correspondiam) se tornou efetivamente memória materializada em um conjunto de textos arbitrariamente agrupados.

E se Mário de Andrade desejava reunir documentos que se transformariam em base material para a produção de narrativas sobre o “movimento modernista”, outros correspondentes talvez não tivessem noção de que seus relatos estavam entrando em um conjunto de outros relatos e que seriam usados para narrar esse movimento. Sobraram para a posteridade apenas as vozes dos que preservaram sua própria memória e trajetória por meio de textos e coleções. É a partir dos olhos desses que hoje pesquisadores tentam oferecer interpretações sobre o movimento modernista e seus participantes.

Interessados em desvendar a natureza simbólica das coleções, Krzysztof Pomian e Susan Stewart propõem uma reflexão sobre como os fragmentos de memória, como as correspondências reunidas por Mário de Andrade, são capazes de evocar experiências distantes no tempo e no espaço, como o movimento modernista. Partindo do princípio de que é a linguagem que possibilita que um grupo de objetos seja transformado em um símbolo de identidade, ambos demonstram que certos mecanismos sociais estruturam determinadas formas de representação e de percepção.

Pomian denomina de “invisível” tudo aquilo que os objetos reunidos arbitrariamente numa coleção têm a capacidade de evocar através de sua presença ou visibilidade: acontecimentos históricos, lugares distantes, modos de vida, experiências individuais... Para



o filósofo, a oposição entre o invisível e o visível é “a que existe entre aquilo de que se fala e aquilo que se apercebe, entre o universo do discurso e o mundo da visão” (POMIAN, 1982, p. 68). Assim, um conjunto de correspondências pode representar um movimento artístico e a personalidade ou a trajetória de um indivíduo em determinado momento e lugar que não se faz mais presente.

Mas, como adverte Stewart, o poder de evocação desses objetos é sempre limitado, pois sendo as coleções um ajuntamento de fragmentos, elas nunca alcançarão uma representação completa daquilo que pretendem mediar. Para ela, é justamente o fato de o objeto ser uma codificação pela linguagem de uma experiência distanciada - um sistema onde a significação “opera não de objeto para objeto, mas além dessa relação, metonimicamente, de objeto para evento/experiência” (STEWART, 1984, p. 136) - que o torna capaz de evocar uma lembrança de um tempo ou lugar invisível, sem, no entanto, jamais recuperá-lo por inteiro. E é esta falta da totalidade do objeto que possibilita que novos discursos sejam produzidos a partir de seus fragmentos... E apropriados e atualizados por instituições produtoras de memória e identidade nacional.

### **A transformação da coleção em narrativas nacionais**

Após o falecimento de Mário de Andrade, sua correspondência foi fechada por seus familiares e amigos e posta no arquivo da casa do escritor dividida em três lotes: a correspondência lacrada, um lote de cartas fora do lacre, e outro lote com cartões postais<sup>4</sup>. Em 1968, os professores Antonio Candido e José Aderaldo Castello encaminharam o processo de aquisição da biblioteca e da coleção de artes plásticas do escritor pelo IEB/USP e a família de Mário de Andrade doou ao instituto o restante de seu espólio, que continha o arquivo com as correspondências do escritor. Em 1995, todo o acervo de Mário de Andrade foi tombado pelo IPHAN

A apropriação da Coleção Mário de Andrade por parte de um órgão patrimonial dedicado a preservar e difundir manifestações e narrativas sobre memória e identidade nacional - sejam elas totalizantes ou diversificadas, tangíveis ou intangíveis - abre novos caminhos de interpretação para o que, no início, eram apenas os fragmentos de memória de um indivíduo. Como demonstra José Reginaldo Santos Gonçalves, recursos narrativos específicos são utilizados para acionar determinadas concepções de tempo e cultura e sustentar a apropriação de objetos como patrimônio, visto que a tentativa de permanência

<sup>4</sup> O pacote lacrado era composto apenas pela correspondência passiva do escritor. As cartas fora do lacre foram organizadas em pastas de cartolina, e continham correspondências passivas, ativas e de terceiros. Os cartões postais compunham outro conjunto, acomodado numa caixa.



cultural reflete uma “concepção de temporalidade na qual a história é vista como um processo incontrolável de destruição” (GONÇALVES, 1999, p. 25). Gonçalves (1996) aponta que nessa retórica do discurso preservacionista a perda é reconhecida como um fato histórico exterior e não como um princípio estruturador interno ao próprio discurso, residindo justamente nesse não reconhecimento a sua eficácia simbólica e social.

Assim, a construção discursiva que legitima a transformação das correspondências de Mario de Andrade em “patrimônio cultural” se baseia na idéia de que elas poderiam ser perdidas, levando consigo não apenas as memórias do escritor como também do movimento modernista. Esta transformação faz com que as correspondências representem metonimicamente uma experiência individual e as atividades intelectuais desenvolvidas em determinada época e contexto social. E foi essa narrativa patrimonial que foi difundida e atualizada a partir da publicação das correspondências e da produção de novos discursos proferidos por seus editores.

Pois, em 1995, concomitantemente ao tombamento do acervo de Mário de Andrade pelo IPHAN, cumpriu-se o prazo de 50 anos estabelecido pelo escritor para a abertura das cartas lacradas. O IEB então compôs uma comissão curadora<sup>5</sup> para começar a organizá-las, proibindo, porém, a consulta pública e a divulgação das correspondências até a conclusão de seu trabalho. Três projetos foram então desenvolvidos dentro do instituto para processar as cartas do escritor: Organização da Correspondência de Mário de Andrade; Elaboração do Catálogo da Correspondência de Mário de Andrade e Preparação Editorial do Catálogo da Correspondência de Mário de Andrade. Esses projetos contaram com o apoio de diversas agências financiadoras, como BID, FAPESP, VITAE e CAPES. Em 1997, o catálogo ficou pronto e a série de correspondências foi disponibilizada para consulta pública.

Como sugere Clifford (1994), a análise da coleção como uma categoria de pensamento possibilita que seja percebido seu sistema relativo de valoração de objetos, que sempre varia de acordo com as transformações intelectuais e institucionais da sociedade. Ele aponta para a necessidade de se fazer constantemente a contextualização sócio-cultural das coleções (e, conseqüentemente, de seu caminho de patrimonialização e publicização) para que se alcance um distanciamento dos processos arbitrários de classificação e das relações de poder que legitimam a apropriação dos objetos em nome de critérios “artísticos” ou “científicos”. Para ele, uma coleção ideal é aquela que expõe os processos históricos,

---

<sup>5</sup> A comissão foi composta pelo Engenheiro Carlos Augusto de Andrade Camargo, representante da família; pelos Profs. Drs. Antonio Candido de Mello e Souza, Gilda de Mello e Souza, Marta Rossetti Batista, então Diretora do IEB, Flavia Camargo Toni, pesquisadora da área de Música e Telê Ancona Lopez, bem como pelo representante dos estagiários, Marcos Antonio de Moraes.



econômicos e políticos de sua produção, mostrando ao espectador que, nas representações, as categorias “belo”, “cultural” e “autêntico” são sempre variáveis.

O projeto de publicação das correspondências de Mário de Andrade, embora ofereça informações sobre o processo de institucionalização da coleção, não desvenda os caminhos políticos e ideológicos percorridos durante a sua própria produção, já que não expõe a arbitrariedade na formação da coleção de cartas pelo escritor, nem as disputas conceituais dentro das instituições de memória, pesquisa e financiamento para a patrimonialização da coleção e a viabilização do projeto de publicação, ou a interferência de familiares e demais “guardiões das memórias” dos correspondentes envolvidos.

A publicação se ocupa principalmente em oferecer caminhos interpretativos onde, em nome de critérios científicos, desmancha a ambigüidade ou a concorrência de discursos para “esclarecer” o leitor contemporâneo. Ao longo dos livros, é elaborado um “enquadramento histórico” que guia a leitura e preenche lacunas do discurso através da organização linear das cartas por data e da inserção de notas explicativas produzidas pelo organizador de cada volume. Constantemente é oferecida ao leitor alguma contextualização sobre as realizações dos correspondentes, o momento de suas trajetórias de vida, suas personalidades, ou sobre as re-configurações do campo do movimento modernista. Ou seja, a publicação se dedica a construir uma narrativa histórica dos correspondentes, mas não tem a mesma disposição em relação a sua própria existência enquanto produto cultural.

Os dois primeiros volumes da Coleção Correspondências - Mário de Andrade & Manuel Bandeira (2000) e Mário de Andrade & Tarsila do Amaral (2001) - são introduzidos por um texto dos coordenadores editoriais. Nele, é citada uma frase de Antonio Candido pronunciada em 1946, um ano após a morte do escritor: “A sua correspondência encherá volumes e será porventura o maior monumento do gênero, em língua portuguesa: terá devotos fervorosos e apenas ela permitirá uma vista completa da sua obra e do seu espírito” (CANDIDO in AMARAL [org.], 2001, p. 11). Assim a idéia da publicação das cartas ativas e passivas entre Mário e diversos intelectuais e artistas é apresentada ao público como a realização de um prognóstico. Realização esta viabilizada institucionalmente por seu próprio visionário, Antonio Candido, e por um dos editores da Coleção, José Aderaldo Castello, que participaram ativamente da aquisição do espólio do escritor pelo IEB, envolvendo assim suas próprias aspirações e trajetórias de vida em torno do projeto.

Após apresentarem informações sobre a organização da Coleção, os coordenadores editoriais apontam para a relevância histórica e cultural do conjunto de correspondências, construindo a imagem de Mário de Andrade como um produtor de testemunhos do movimento intelectual e artístico de sua época, testemunho esse capaz de ser acionado



atualmente pela leitura de seus fragmentos de memória. As cartas passivas do escritor são apresentadas como capazes de espelhar “a recepção das idéias e a análise voltada para os jovens escritores, para os artistas plásticos e os músicos”; já as correspondências ativas conduziram o leitor ao “desejo de Mário de documentar determinadas situações, de ‘fazer a história’, para usar expressão sua”; e as correspondência de terceiros poderiam demonstrar “o colecionador que amealha uma carta de Donizetti e outra de Carlos Gomes, como o estudioso a quem é oferecida a correspondência de Souza Lima a Mignone ou o ofício do Bloco das Caprichosas, dispendo as alas para o desfile no Carnaval paulistano” (AMARAL [org.], 2001, p. 13).

No texto sobre o projeto de publicação da coleção de correspondências há uma grande ênfase à sua importância no resgate de outras narrativas que não as das publicações oficiais dos correspondentes, pois as cartas teriam o poder de “recompor diálogos mais completos para relatar, através da montagem da correspondência recíproca, ou de instâncias da passiva, as múltiplas facetas da amizade” (AMARAL [org.], 2001, p. 14). Ou seja, reforça-se no projeto de publicação a percepção do gênero correspondências como uma narrativa “autêntica”, capaz de revelar em seus espaços e tempos fragmentados a “verdade” sobre seus autores.

Os coordenadores do projeto também apontam neste texto introdutório uma inovação editorial que busca intensificar a experiência do leitor de entrar em contato direto com os correspondentes e ultrapassar a mediação do tempo e do espaço operada primeiramente pelas cartas, posteriormente pela coleção e finalmente pelo livro: a oferta da descrição ou visualização dos manuscritos, do suporte material das correspondências, ou seja, a oferta da possibilidade de testemunhar o acontecimento da escrita da carta através de sua reprodução visual. Ao fim do texto, os editores defendem o projeto justamente por ele representar esse “tempo recuperado” de um movimento intelectual e artístico nacional, reforçando seu caráter de representação da memória do país, pois a coleção seria “o conjunto mais representativo da epistolografia brasileira do século XX, no que tange à discussão de projetos estéticos e aos arquivos da criação que desnudam o artefazer de poetas, ficcionistas, artistas plásticos e músicos” (AMARAL[org.], 2001, p. 15).

### **A interpretação das narrativas do escritor nos comentários oferecidos ao leitor**

Analisando especificamente o segundo volume da Coleção, dedicado às trocas de correspondências entre Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, percebe-se como a inserção das notas de esclarecimentos elaboradas pela organizadora do livro, Aracy Amaral, guia a



leitura das cartas. Vale apenas ressaltar, antes da análise, que o livro não oferece nenhuma informação específica sobre seus editores ou sobre a organizadora, fazendo com que suas inserções dentro dos campos profissional e institucional fiquem veladas ao leitor e que não se explicita a perspectiva conceitual ou mesmo pessoal da organização do livro.

No total, foram disponibilizados na publicação do segundo volume 29 cartas e bilhetes trocados entre Tarsila do Amaral e Mário de Andrade, escritos entre novembro de 1922 e setembro de 1940, e 84 notas oferecidas pela organizadora do livro para esclarecer ou contextualizar os leitores. Nesse conjunto, dois períodos se destacam pela intensidade do diálogo entre os correspondentes: de novembro de 1922 a novembro de 1923, quando Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral viajam para Paris e se desenvolve um longo desentendimento entre Mário de Andrade e Oswald de Andrade; e de abril a setembro de 1931, quando Tarsila do Amaral viaja para Berlim com Osório César, após se separar de Oswald de Andrade. No primeiro período, foram trocadas 10 cartas e oferecidas 29 notas de esclarecimento ao leitor e, no segundo período, foram trocadas 7 cartas e oferecidas 12 notas. A análise que se seguirá se aterá a algumas notas em que a organizadora comenta o primeiro período e onde ela empenha um maior esforço de decifração e orientação dos discursos oferecidos pelas correspondências.

A nota 1 do livro se refere à primeira carta de Tarsila do Amaral colecionada por Mário de Andrade, escrita em 20 de novembro de 1922. Nela, Aracy Amaral apresenta Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e Oswald de Andrade como personagens-chave para o movimento modernista, conduzindo o leitor a considerar os diálogos que estarão por vir nas demais cartas trocadas como nucleares para a percepção da história “não-oficial” do movimento. Comenta a organizadora: “O ateliê de Tarsila à rua Vitória era um ponto obrigatório de reuniões, assim como a casa de Mário de Andrade e a *garçonnière* de Oswald de Andrade” (AMARAL [org.], 2001, p. 51).

É também Aracy Amaral quem desvenda ao leitor a presença indireta, mas constante, de Oswald de Andrade na troca de correspondências entre Tarsila do Amaral e Mário de Andrade e que introduz aspectos das personalidades dos três ao longo das notas. Na nota 4 da carta de Mário de Andrade de 19 de dezembro de 1922, ela observa:

Paralelamente a suas queixas – uma constante em sua correspondência – por seus problemas de saúde, quer-nos parecer que transparece aqui pela primeira vez uma velada referência indireta a Oswald de Andrade, quando coloca a felicidade de possuir a amizade de uma pessoa suave como Tarsila [‘Sinto-me tão feliz ao seu lado’ em contraposição a esta ‘vida de lutas, de ambições, invejas e... segundas intenções’] (AMARAL [org.], 2001, p. 53).



Em outro procedimento constante nos comentários das correspondências que irá oferecer ao longo do livro, a organizadora informa sobre as realizações dos três correspondentes e sobre o momento de suas trajetórias de vida, como se pode observar na nota 5 da carta de Mário de Andrade de 20 de maio de 1923:

Deve-se destacar, neste mês de abril, a conferência pronunciada por Oswald de Andrade na Sorbonne, sobre a qual escreverá a Mário de Andrade. Evidente fruto de suas articulações com o meio intelectual de Paris, essa conferência, intitulada *L'Effort Intellectuel du Brésil Contemporain*, contará, segundo Oswald com a presença de vários escritores e artistas, sendo publicada na Revue de l'Amérique Latine (AMARAL [org.], 2001, p. 65).

Mais adiante, na nota 7 da carta de Tarsila do Amaral de 23 de maio de 1923, ela ao mesmo tempo em que explica uma expressão modernista, reforça o desenho da personalidade de Oswald de Andrade como sendo alguém zombeteiro e aponta a sua disposição de ironizar o trabalho de Mário de Andrade:

Esta expressão 'modernidade ocidental' volta com frequência, seja nesta carta de Tarsila, como nas de Oswald de Andrade para Mário de Andrade. Quer-nos parecer ser uma expressão oswaldiana. Com efeito, em correspondência de Oswald para Mário em escala do navio, de Las Palmas, em 7 de janeiro de 1923, quando se dirige ao encontro de Tarsila em Paris, a imagem do postal colorido focaliza uma colheita de bananas, em bananal africano. Com sua habitual 'verve', escreve: 'Mário. Bananas! Concorrência ao Brasil! Querem ver que também há modernidade ocidental em Las Palmas - Abraços do Oswald' (AMARAL [org.], 2001, p. 68).

Aracy Amaral também vai criar, ao longo das correspondências, uma nova narrativa que valoriza o crescimento do clima de intrigas entre os três correspondentes e as reconfigurações e atualizações dos participantes do movimento modernista, como fez na nota 10 da carta de Tarsila do Amaral de 23 de maio de 1923:

Novamente um tom ferino nesta carta de Tarsila a Mário: em Paris, cutuca-o, há agora, segundo ela, outro Grupo dos Cinco. Em vez de Anita, Menotti e Mário, substituições pelos poetas, artistas e musicistas em Paris: Sergio Milliet, Brecheret, Souza Lima, além de Oswald de Andrade e ela própria (AMARAL [org.], 2001, p. 69).

Quando a organizadora comenta a longa carta em que Mário de Andrade fala sobre sua ruptura com Oswald de Andrade, ela interfere na narrativa deixada por Mário de Andrade



na tentativa de equilibrar a falta de registro da defesa de Oswald de Andrade frente à imensa quantidade de informação que Mário de Andrade deixou registrada sobre si. Na nota 13 da carta de Mário de Andrade de 16 de junho de 1923, Aracy Amaral re-explica os motivos que abalaram a amizade de Mário de Andrade e Oswald de Andrade:

Esta carta, claramente se mostra não apenas dirigida a Tarsila porém ao ‘terceiro interlocutor’, Oswald de Andrade, - e Mário em mais de uma ocasião no decorrer do texto pede a Tarsila que a mostre a Oswald para esclarecimento de fatos ocorridos. À raiz desta primeira ‘briga’ ocorrida entre ambos se percebem os dois pontos de atrito que provocaram o confronto: o fato de Mário ter publicado artigo laudatório a *O Homem e a Morte*, de Menotti Del Picchia, praticamente colocando-o em termos de melhor romance do ano, quando, na realidade, *Os Condenados* de Oswald de Andrade, é muito superior ao livro de Menotti. Estão em jogo aqui os problemas da crítica – tanto literária como artística – que é subjetiva, e deixa-se influenciar por relações de amizade, de empatia entre autor e crítico etc (AMARAL [org.], 2001, p. 72).

Na nota 15 da carta de Mário de Andrade de 16 de junho de 1923, ao fim da desavença entre Mário de Andrade e Oswald de Andrade, a organizadora desenvolve sua opinião sobre as personalidades de ambos, deixando escapar uma leve simpatia pelo primeiro:

Mário de Andrade sempre foi um profissional grave. Não brinca, não comenta um trabalho alheio para dele fazer humor ou sátira, como Oswald de Andrade. Terá suas limitações e/ou motivações circunstanciais, porém é indiscutível a seriedade de sua crítica. Seu trabalho não resulta de um ato de gozo, porém de sofrimento (AMARAL [org.], 2001, p. 75).

A organizadora das cartas oferece na nota 23 da carta de Mário de Andrade de 15 de novembro de 1923, ao final do processo de ruptura entre Oswald de Andrade e Mário de Andrade, uma conexão destas desavenças pessoais e ideológicas com o percurso tomado pelos participantes do movimento modernista, conferindo assim maior legitimidade ao papel de testemunho histórico da coleção de correspondências:

Esta carta tem um tom de manifesto. É como uma antecipação, seis meses antes, ao manifesto ‘pau-brasil’, de Oswald de Andrade, depois das viagens ao Rio de Janeiro e cidades históricas de Minas Gerais. E, de certa forma, Mário, com graça e ironia, chama seus amigos de deslumbrados por estarem em Paris conhecendo personalidades. É seu jeito de devolver a jactância de Oswald contando-lhe de suas novas amizades com Cendrars, Romaines etc.



---

Assim como a Tarsila, ao contar-lhe dos amigos franceses que freqüentam seu ateliê (AMARAL[org.], 2001, p. 79).

### **Algumas considerações**

A intenção deste artigo foi desenvolver comentários sobre os deslocamentos no tempo e no espaço das correspondências de Mário de Andrade: de sua intenção em oferecer seu ponto de vista à posteridade, narrando acontecimentos de esfera íntima e selecionando opiniões que seriam cristalizadas como suas memórias, passando pela institucionalização dessa memória em uma coleção tombada pelo patrimônio, até sua organização e disponibilização ao público através de livros que oferecem chaves interpretativas que, como opções editoriais e, portanto, arbitrárias, atualizam e ultrapassam o conteúdo das cartas propriamente ditas.

O final momentâneo e localizado deste percurso é esta análise do processo, que buscou entendê-lo como uma construção constante de narrativas de memória e identidade de cada um dos agentes que dele participaram - como os correspondentes, os entusiastas da coleção, os editores da publicação e os leitores - e de personagens abstratos evocados em diferentes discursos, como a nação e o movimento modernista. Pois em cada movimento de re-apropriação das cartas novas significações foram a elas investidas, fazendo com que Mário de Andrade fosse apenas o precursor do percurso.

Esse estudo teve assim como aspiração ser um exercício referenciado na proposta de Geertz de tentarmos alcançar a história da imaginação moral de um grupo colocando as fases da carreira interpretativa de sua estrutura simbólica em suas molduras sociais. Como Geertz sugere, esse exercício “não é um exercício sociológico de atenuar dificuldades através da explicação, nem um exercício historiográfico de explicar apenas o contexto: é uma forma de chegar ao próprio objeto de estudo” (GEERTZ, 1997, p. 73).

---

### **PATHWAYS OF MEMORY: THE MULTIPLE NARRATIVE OF MARIO DE ANDRADE’S *CORRESPONDÊNCIAS* COLLECTION.**

**Abstract:** In this article is proposed a reflection about three aspects of the formation of Mario de Andrade’s *Correspondências* collection: the first one, referring to the writer, himself and his experiences and memories, recorded in the letters; another, for the process of institutionalization of the collection through its IPHAN toppling and its publication by the IEB / USP project; and the third to the interpretation of this collection in the second volume, published by the project - Mario de Andrade & Tarsila do Amaral - which offers to the reader, introductory texts and contextual notes.



---

**Key-words:** Narratives, memory, identity, Correspondências, Mario deAndrade.

---

### Referências bibliográficas

AMARAL, A. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. São Paulo: Editora da USP/IEB, 2001.

BENJAMIM, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: *Textos de Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Abril, 1975.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

CLIFFORD, J. “Colecionando arte e cultura” In: *Revista do Patrimônio*, no. 23, 1994.

GEERTZ, C. ‘Descoberto na tradução’: a História Social da Imaginação Moral. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. Coleções museus e teorias antropológicas: reflexões sobre o conhecimento etnográfico e visualidade. In: *Cadernos de Antropologia da Imagem*, no. 8. Rio de Janeiro: UERJ/NAI, 1999.

\_\_\_\_\_. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

\_\_\_\_\_. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. In: *Estudos Históricos*, nº. 2. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

HANDLER, R. On having a culture. In: *Objects and others: essays on museums and material culture*. Madison: The Winconsin University Press, 1985.

MORAES, M. A. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Editora da USP/IEB, 2000.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, vol. 5, nº 10, Rio de Janeiro: FGV, 1992.

POMIAN, K. Entre o visível e o invisível: teoria geral das coleções. In: *A Coleção*. Lisboa: Enciclopédia EINAUDI, 1982.

STEWART, S. Objects of desire. In: *On longing: narratives of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1984.

Recebido para apreciação em 10/07/2008  
Aprovado para publicação em 31/08/2008

